



Ministério da Educação

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Carlos Manuel Ribeiro Santos

**A emigração temporária dos cabo-verdianos: ensino superior e
ascensão social**

REDENÇÃO

2014

CARLOS MANUEL RIBEIRO SANTOS

**A EMIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DOS CABO-VERDIANOS:
ENSINO SUPERIOR E ASCENSÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão do Curso, Bacharelado
em Humanidades – BHU, realizado sob a
orientação da professora Dr. Carla Susana
Além Abrantes.

REDENÇÃO

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

S233e

Santos, Carlos Manuel Ribeiro.

Emigração temporária dos cabo-verdianos: ensino superior e ascensão social. / Carlos Manuel Ribeiro Santos. Redenção, 2014.

45 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Susana Além Abrantes.

Inclui Referências, Anexos.

1. Migração. 2. Ensino superior. 3. Mobilidade social. I. Título.

CDD 301

Eu admiro... aquele que sabe que entre o
plantar e o colher, existe o regar e o esperar.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, agradeço a Deus pela vida. Obrigado meu Deus por este dia, pela paz que há em sua presença, pela certeza de que nada passa despercebido aos teus olhos. Pela segurança que temos da tua justiça que não falha, pela graça que nos orienta sempre, nos mostrando o melhor caminho.

Agradeço, profundamente, a Professora Dr. Carla Susana Além Abrantes por aceitar, prontamente, o convite para ser minha orientadora. Sugestões pertinentes, assim como as críticas necessárias, foram fundamentais para a elaboração do TCC. No entanto tudo se consolidou e ficou mais fácil com o incentivo e a paciência da minha orientadora que tenho um grande respeito e admiração pela sua carreira e trajetória. Muito obrigada professora.

Ao meu pai João Baptista Santos, a quem dedico este trabalho, à sua memória e pelo exemplo de homem que ele foi para mim. Posso dizer que a principal lição de vida, que ele me passou, nunca esquecerei: buscar na dureza da vida a beleza de viver. A minha querida mãe Maria Da Luz que sempre está por perto, e aos meus irmãos com muito orgulho.

Agradeço a todos os Cabo-verdianos que de uma forma ou de outra colaboraram para que este projeto de TCC fosse concluído. Os meus especiais agradecimentos vão para os alunos da UNILAB e UFC, que aceitaram prontamente o convite de ser entrevistados, que foram essenciais para responder as questões impostas pelo TCC. Um enorme reconhecimento aos meus entrevistados: Paulo Fernandes, Sandra Santos, Diana Semedo, Marcelo Correia, José Teixeira, Jorge Xavier e a Ailene Rosa, companheira de todas as horas. Muito obrigado a todos pela vossa essencial colaboração.

Carlos Manuel Ribeiro Santos

A emigração temporária dos estudantes cabo-verdianos: ensino superior e
ascensão social

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado à Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como parte das exigências para a obtenção
do título de Graduação.

Local, ___ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carla Susana Alem Abrantes (Orientadora) – UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana (Avaliador) - UNILAB

Prof. Dr. Joceny de Deus Pinheiro (Avaliadora) – UNILAB

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) procura contribuir para uma melhor compreensão da história da emigração Cabo-verdiana, em especial, da emigração temporária dos estudantes e da sua vivência no exterior. Os motivos que têm levado os jovens estudantes cabo-verdianos a procurarem uma formação profissional fora de Cabo Verde são o valor em si do certificado e a importância atribuída pela sociedade cabo-verdiana aos estudantes que tiveram uma formação superior fora do arquipélago. Analisou-se os aspectos da experiência dos estudantes no processo de adaptação social e verificou-se que mudanças foram impostas pela vivência no exterior, sobretudo a partir das experiências interculturais do cotidiano. O segredo de um bom aproveitamento e da reciprocidade de conhecimento entre os estudantes brasileiros e estrangeiros consiste no saber dialogar e lidar com as diferenças entre as culturas e ter uma postura conciliadora e respeitosa perante as diferenças culturais. Essa atitude tende a minimizar os conflitos e fortalecer a integração e o respeito mútuo. Dentro deste contexto procuro analisar a educação superior como um caminho para a ascensão social.

Palavras-chave: Emigração; Ensino Superior; Estudantes; Vivências; Ascensão Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I CAPÍTULO: HISTÓRIA DA EMIGRAÇÃO EM CABO VERDE	11
1.1. Da descoberta ao povoamento e a necessidade de emigrar	11
1.2. Causas e consequências da emigração desde a descoberta	13
1.3. A importância da emigração para Cabo Verde	16
II. CAPÍTULO: A EMIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DOS ESTUDANTES CABO-VERDIANOS	19
2.1. Formação superior e políticas públicas em Cabo Verde	19
2.2. Formação superior: escolha do destino e os benefícios	22
2.3. A educação como ascensão social: a emergência de uma nova elite após a independência	24
2.4. A emigração temporária dos estudantes cabo-verdianos: sua volta à origem e a sua ascensão	26
2.5. A emigração e as marcas deixadas pela mobilidade dos estudantes ----	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
ANEXOS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Com o título “a emigração temporária dos estudantes cabo-verdianos: ensino superior e ascensão social” este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe responder à questão: quais são os significados¹ da emigração temporária dos estudantes cabo-verdianos? Percorro as muitas possibilidades de resposta, tais como a percepção histórica, a percepção do governo cabo-verdiano, a percepção da sociedade, o contexto histórico de organização do Estado após a independência, a percepção dos estudantes. Esta última (a percepção dos estudantes) mereceu ênfase neste TCC por considerar que as experiências dos estudantes narradas por eles mesmos foram cruciais para responder às questões impostas pelo TCC. Por outro lado, o curso em que estou matriculado, o (Bacharelado em Humanidades) BHU, oferece ao aluno a possibilidade de um olhar interdisciplinar e nos faculta vários caminhos e visões para responder a uma determinada questão.

Tenciono neste TCC trazer as causas e as consequências da emigração cabo-verdiana, o seu papel fundamental no desenvolvimento econômico do país e as motivações que os leva a emigrar. O tema central do TCC consiste em analisar a importância da emigração temporária dos estudantes. Ao falar da emigração temporária dos estudantes, automaticamente me permite analisar e trazer questões sobre: educação superior, vivência no país do destino, nesse caso Brasil, a sua volta à origem, a sua inserção no mercado do trabalho e a ascensão social. Também pretendo fazer uma análise da educação superior como um dos principais caminhos para a ascensão social.

A questão imposta pelo TCC foi respondida e elaborada utilizando uma metodologia de pesquisa que contemplou a consulta a livros e artigos de especialistas, páginas da internet, entrevistas e observação de atores envolvidos no campo de estudo. As entrevistas foram realizadas entre Janeiro a Março de 2014, com sete alunos cabo-verdianos da graduação que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde quatro deles são homens e três mulheres, e a faixa etária dos alunos está compreendida

¹ “O homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado”. GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-41.

entre 20 a 25 anos. Procurei analisar essencialmente o percurso dos estudantes entre Cabo Verde e o Ceará.

Pretende-se analisar o percurso dos estudantes, principalmente no que diz respeito à sua vivência num país distinto, a sua volta à origem e a sua contribuição para o desenvolvimento do país. Entretanto, a minha ideia neste TCC é trazer entrevistas dos alunos que estão a passar por essa experiência e fazer uma análise da situação, como também fazer uma análise teórica sobre o processo da socialização e da interação social sofrido pelos estudantes durante o período da sua estadia. Nas entrevistas com estudantes cabo-verdianos buscarei identificar alguns aspectos de experiência que é resultado do processo de adaptação social do sujeito ou do grupo, a fim de observar as mudanças impostas pela vivência no exterior, sobretudo as experiências interculturais do cotidiano (Hall, 2008). No entanto, após a análise profunda sobre a vivência da nova realidade dos estudantes, concluí que para uma boa participação e confraternização nos espaços dos contatos é preciso saber dialogar e lidar com as diferenças entre as culturas e ter uma postura conciliadora e respeitosa perante as diferenças culturais. Essa atitude tende a minimizar os conflitos e fortalecer a integração e o respeito mútuo das diversidades culturais existentes.

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DA EMIGRAÇÃO EM CABO VERDE

1.1 - Da descoberta ao povoamento e a necessidade de emigrar

Cabo Verde, oficialmente República de Cabo Verde, é um país insular do continente africano. Um arquipélago de origem vulcânica constituído por dez ilhas. Está localizado no Oceano Atlântico, 640 km a oeste de Dacar, capital econômica do Senegal. Foi descoberto em 1460 por Diogo Gomes e por António da Noli, ambos a serviço da Coroa portuguesa. Estes navegadores encontraram as ilhas desabitadas e aparentemente sem indícios de presença humana anterior. Dada a sua posição geográfica privilegiada, a Coroa portuguesa logo teve interesse em ocupar as ilhas. Cabo Verde poderia servir como excelente escala de navegação tanto para as viagens marítimas dos portugueses no Atlântico em direção ao Oriente como para o estabelecimento do comércio na costa africana. Estas foram os motivos e as justificativas de tanto investimento na povoação de um arquipélago castigado pela constante seca.

Os portugueses quiseram inicialmente, proceder a um povoamento branco, como foi o caso das ilhas da Madeira e dos Açores, mas devido ao clima e a falta de cereais, base da alimentação dos Europeus na altura, o povoamento foi dificultado. Porém, o povoamento só com os brancos europeus não chegou a acontecer, porque a única atividade era pecuária e agricultura que requeria abundância em mão de obra. Segundo António Germanos Lima (2007), os escravos trazidos dos Rios da Guiné para servirem como força de trabalho no arquipélago desempenharam um papel relevante no povoamento, já que vinham em número superior comparativamente aos brancos. A partir de então, os moradores passaram a ocupar as terras do interior de Santiago para a produção agrícola e pecuária. Pouco a pouco as outras ilhas passaram a ser ocupadas e povoadas, conforme as necessidades e os interesses do colono no momento. A ilha de Santiago que foi a primeira a ser povoada e a de São Vicente a última é hoje em dia considerada um dos mais importantes centros econômicos, comerciais e sociais do país.

Para além dos portugueses e dos escravos vindos da África continental, “contribuíram também para a formação dos primeiros mestiços cabo-verdianos os espanhóis, os franceses (normandos e bretões), os ingleses, os holandeses e, em menor escala, os judeus” (Simão Barros 1939, p. 136). A partir daí começou a germinação dos

cabo-verdianos, fruto de encontro de raças distintas. Além disso os povoadores tinham os mesmos propósitos: formar famílias e povoar as ilhas desabitadas de acordo com o interesse da Coroa. O império Português tinha como objetivo manter Cabo Verde como um posto e porto de escala obrigatória, um bom entreposto de comércio e de ligações marítimas entre os continentes.

Segundo António Germano (2007), o povoamento de Cabo Verde foi, numa primeira fase, de ocupação, mas logo se transformou em colonização, assim que houve cruzamento entre os europeus e africanos, num espaço geográfico inicialmente apátrida, ou seja, não tinham uma pátria definida. Mesmo assim quem detinham o poder e a posse da terra era os colonos. Entretanto com o tempo e com o desenvolvimento do povoamento, em Cabo Verde formou-se um tipo de população nacional estabilizada, e assim nasceram os primeiros, “cabo-verdianos” fruto da heterogeneidade.

Segundo reza a história, os europeus livres e escravos da costa africana através da congregação e da troca mútua de experiência cultural e social, fundiram-se num só povo, “o cabo-verdiano”, com uma forma de estar e viver muito própria e o crioulo emergiu como idioma da comunidade maioritariamente mestiça. Literalmente a língua crioula formou-se algumas décadas após o início da ocupação do arquipélago de Cabo Verde com base lexical portuguesa. “Ela é uma língua que nasceu juntamente com a formação de um país insular” (Carreira, 1983, p. 344). Segundo António Carreira, historiador cabo-verdiano, a língua crioula cabo-verdiana teria surgido no próprio arquipélago no século XVI, menos de sessenta anos após o início de seu povoamento.

Para o linguista Jurgen Lang (1994, p. 90)² a criouliização do português deve, portanto, ter começado logo nas primeiras décadas após a descoberta. Por conseguinte, o crioulo do arquipélago, segundo Jurgen, é a língua mais antiga de base europeia ainda viva, ou talvez até a mais antiga. Muitos pesquisadores acreditam numa nova versão, e contestam que o crioulo cabo-verdiano possui a base lexical europeia. Entretanto acreditam que a língua crioula cabo-verdiana era falada pelos escravos vindos da costa ocidental africana.

² Linguista alemão Jürgen Lang, professor no Mestrado de Crioulística e Língua Cabo-verdiana. O Professor Lang, é um estudioso da expressão linguística de Santiago (Cabo Verde).

Chama-se crioulo por duas razões, uma de carácter histórico e outra de carácter linguístico. No século XVI, usava-se a palavra crioulo para designar os escravos que se criavam nas terras descobertas e ocupadas pelos portugueses. O termo estendeu-se, depois, a todos os “naturais” dessas terras, neles nascidos, e, finalmente passou a designar também as línguas por eles faladas. O crioulo de Cabo Verde varia consoante as ilhas, mas pode ser dividido em dois grupos: crioulo do “Barlavento e do sotavento³”.

1.2 - Causas e consequências da emigração desde a descoberta

Esse fenômeno da emigração consiste no abandono voluntário da pátria de maneira temporária ou permanente, por motivos tradicionais como é o caso de Cabo Verde. Nesse item procuro trazer essencialmente a história da descoberta e do povoamento, como também causas e consequências das primeiras vagas da emigração cabo-verdiana. A emigração tem assolado e persistindo desde a época colonial. Para o (Góias, 2006), especialista na história da emigração cabo-verdiana, os cabo-verdianos têm uma tradição e uma história que os unem a Portugal, e que a emigração para a colônia teria seu início nos séculos XVI ou XVII, pouco tempo depois do povoamento das ilhas. As ilhas eram afetadas pela carência dos bens tradicionais, especialmente por não haver chuva. Segundo Pedro Góias, após o século XX, época da consolidação da liberdade individual e do direito de movimento, Portugal foi escolhido por um número crescente de cabo-verdianos para viver, estudar ou trabalhar.

De acordo com a economista (Grassi, 2003, p. 7)⁴, a ilha é marcada por uma história de abandonos e repovoamentos. Segundo Grassi, por causa das secas repetitivas, os escravos eram vendidos depressa e os trabalhadores livres obrigados a emigrar para outras colônias portuguesas (Angola, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé). Ainda de acordo com a economista e pesquisadora, esse movimento constante para fora das ilhas insulares tem raízes no início da sua ocupação, e desde então, a emigração aparece, sobretudo, como uma necessidade para a sobrevivência e uma vida digna. Cabo Verde

³ As ilhas do Sotavento, que são: as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava que conservaram a nível da sintaxe, do vocabulário e da pronúncia, uma influência africana mais marcada do que nas ilhas do Norte. No norte, os crioulos das ilhas de Barlavento, que são: as ilhas de Boavista, Sal, São Nicolau, São Vicente, Santo Antão, que são de formação mais recente e com mais influências do português. (Lang, Jürgen 1994)

⁴ Marzia Grassi, economista, pesquisadora do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa.

foi-se constituindo, portanto, como plataforma de apoio à expansão portuguesa e, mais tarde, à manutenção da relação entre as colônias e à transferência de recursos humanos (escravos) de África para o continente americano. Neste sentido, o arquipélago sempre foi utilizado estrategicamente pelo império Português. Segundo Marzia Grassi (2003, p. 5) a razão de tanto investimento e persistência em Cabo Verde por parte do império Português assentava numa posição geo-estratégica que lhe permitia cumprir uma função histórica de prestação de serviços associados ao tráfico atlântico.

Segundo António Carreira (1983, p. 95-101), autor do livro “Migrações nas ilhas de Cabo Verde”, analisa o facto de que durante o século XX - século de transição da diversidade cultural, evolução cultural, social e tecnológica da humanidade. Em termos nacionais foi um momento de mudanças no paradigma da emigração cabo-verdiana. No entanto para o António Carreira é possível identificar três grandes períodos da emigração cabo-verdiana durante o século:

Na primeira fase, que vai de 1900 a 1926, os Estados Unidos das Américas (EUA) foi o principal destino dos emigrantes. Nessa época, os EUA era o principal destino não só dos cabo-verdianos como também das maiorias nações mundiais. Os EUA era considerado a terra de liberdade e as condições económicas e humanas estavam bem acima do nível dos demais países.

Na segunda fase, que compreende o período entre 1927 e 1945, países como Brasil e Argentina começam a ser escolhidos por causa da dificuldade de entrar nos EUA como imigrante legal. Na África, nações como Senegal, Guiné, São Tomé e Angola que iam principalmente para trabalhar nas roças, também começam a receber muitos emigrantes, além de Portugal que nesta época começa a se destacar como importante destino.

A terceira fase identificada por Carreira corresponde ao período entre 1946 e 1973, na qual países da Europa como Holanda, França, Luxemburgo, Itália e Suíça são os principais destinos. Uma característica marcante desta última fase é o aumento significativo do volume de emigrantes cabo-verdiano, que passa de 10.120 para 135.289.

Constantemente observamos as mudanças de rumo nas histórias da emigração Cabo-verdiana, essencialmente no que se refere ao destino. Vemos que esta constante mudança de paradigma fez com que Cabo Verde ter emigrantes pelos quatro cantos do

mundo, os dados indicam que existem, mas cabo-verdianos vivendo fora do país do que dentro.

Pedro Góias (2008) acredita que Cabo Verde na época colonial dependia e encontrava soluções nos comércios dos escravos, na caça à baleia dos baleeiros americanos nos mares de Cabo Verde, o trânsito de navios e o colonialismo português eram os meios de sobrevivência de muitos cabo-verdianos. Para além de ser um meio de sobrevivência esses navios que transitavam nos mares de Cabo Verde eram a oportunidade ideal para os filhos da terra aventurarem pelo mundo, sabendo que as condições internas de Cabo Verde sempre foram devastadas pela falta da chuva e pela seca que castigava os humildes povos das ilhas.

Com a abolição do comércio de escravos e a constante deterioração das condições climáticas, Cabo Verde entrou em decadência e passou a viver com base numa economia pobre, de subsistência. Com tudo isso, principiou uma nova era para os cabo-verdianos, uma era em que a emigração emergiu através das necessidades básicas do cotidiano. Os crioulos descobriram que a única solução de viver uma vida digna e de suprimento das necessidades básicas, consistia no abandono da sua terra natal.

Historicamente o desenvolvimento da emigração Cabo-verdiana, desenvolveu-se em torno de um eixo: essa emigração foi literalmente transatlântica. Nessa época o mar era a única alternativa para os sonhos dos cabo-verdianos se concretizassem. Como ilhas insulares, historicamente o meio de transporte que predomina na migração internacional e interna era transatlântico. O mar sempre foi a principal trilha da ligação interna como também externa. Os transportes marítimos convenientes para o transporte dos passageiros e das mercadorias desempenharam, atualmente desempenha um papel importante para o desenvolvimento, unificação, consolidação, e firmamento da identidade dos cabo-verdianos levando em consideração a dispersão territorial.

1.3 - A Importância da emigração para Cabo Verde

A emigração aparece como um dado estrutural da sociedade cabo-verdiana, pois ela é fundada juntamente com o arquipélago e continua sendo uma das bases da nação. Neste capítulo tenciono trazer e clarificar a importância da emigração para Cabo Verde, a emigração como solução para uma vida melhor, a relação que os emigrantes têm com o arquipélago e qual é a contribuição das remessas dos emigrantes para o desenvolvimento de Cabo Verde? Os cabo-verdianos estão espalhados pelos quatros cantos do mundo, e eles mantêm uma relação íntima com o país, contribuindo para a manutenção do desenvolvimento nacional do arquipélago.

Como muitos dizem em Cabo Verde, “a emigração é a janela alternativa à porta que Deus fechou”. Esse ditado popular cabo-verdiano, diz tudo. Um país que sempre enfrentou grave problemas da seca, a limitação do território, à insularidade e a um processo de colonização que intensificou as diferenças sociais. A emigração aparece como a única saída para suprir as necessidades básicas dos crioulos. Como afirma o nosso grande historiador António Carreira, “tudo nessa ilha se combina para impor ao homem um meio de vida duro, difícil e desafiador” (Carreira, 1983, p. 15). As causas profundas deste movimento migratório estão na acentuação, na decadência econômica das ilhas e na agudização da conflitualidade social que lhe estava associada. As crises da seca e a escassez de colheitas agravavam ainda mais a decadência econômica e social.

Os inúmeros problemas que afligem o nosso povo resultam em grande parte da descontinuidade do território⁵ que força os cabo-verdianos a viverem num pedaço de terra. Cabo Verde é formado por pequenas ilhas e abraçado, cercado e amarrado pelo mar. Os habitantes das ilhas dão maior enfoque, poder e valor às zonas costeiras que oferecem melhores condições de vida. Entretanto o mar desde sempre foi e continua a ser a fonte de riqueza das maiorias famílias e do próprio país em si. O mar de Cabo Verde é fortuna não só para a sociedade nativa, como também para a comunidade internacional.

“O acordo de pesca entre Cabo Verde e a União Europeia (UE) é mais do que satisfatório, devido ao nível elevado das capturas de peixe nas águas territoriais cabo-verdianas”, indica um relatório da “Comissão Europeia” divulgado 19 de Novembro de 2013, em Bruxelas. Segundo este relatório de avaliação, este acordo, que vigora desde 1

⁵ Descontinuidade do território, a pequena dimensão das ilhas limita e dificulta a circulação.

de Setembro de 2011 e vai prevalecer até 31 de Agosto de 2014, autoriza 28 atuneiros europeus e 35 palangreiros de superfície a operarem nas águas territoriais de Cabo Verde. Com tudo isso em Cabo Verde existe um grande debate sobre estes acordos de pescas, que empobrece a nossa fauna e os pescadores tradicionais cabo-verdianos estão a sentir os efeitos. Os ganhos com o acordo são visíveis, mas não recompensam o tamanho da desgraça que esta ação desenvolve. Futuramente pode trazer graves problemas no impacto da fauna e na extinção das espécies. Esta análise é só para situar a importância que o mar tem para o arquipélago.

Remessas dos trabalhadores emigrados, em termos gerais, podem ser definidas como o envio de recursos pelos emigrantes aos países de origem. No caso de Cabo Verde as remessas dos emigrantes têm um impacto de extrema importância para a economia nacional. As remessas de emigrante têm diminuído significativamente a redução da pobreza das famílias que ficam, devido ao fenómeno de envio do dinheiro. O recurso recebido na terra (Cabo Verde) dos que partem contribui para aumentar a estabilidade das famílias e a riqueza do país, que podem ser económica, social, cultural e de conhecimento.

Segundo Paulinho Tavares (2010), a relação que existe entre o emitente e receptor das remessas, não se restringe, exclusivamente, à transferência de dinheiro, conhecimento, influência social e cultural (costume, atitude e comportamento), mas também através dos impactos económicos e sociais gerados por intermédio das remessas dos trabalhadores emigrados que, por sua vez, servem de canais para a reprodução de laços económicos, políticos e institucionais entre países.

Cabo Verde é o país do continente africano que, em proporção com a sua população (cerca de 500 mil habitantes), recebe mais remessas de emigrantes. Um estudo divulgado durante a Assembleia anual do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), em 2012 em Arusha (Tanzânia), indicava que as remessas dos cabo-verdianos que vivem no exterior ascendem a 246 Euros *per capita*, representando 8% do Produto Interno Bruto (PIB). "A contribuição da emigração na história de Cabo Verde vai para além da contribuição financeira e económica" (Tavares 2010, p. 190).

A estratégia da ministra Fernanda Fernandes consiste em facilitar e atrair os emigrantes a enviarem remessas e fomentar o contributo solidário, fomentar o

investimento em Cabo Verde o comércio internacional e o mercado de produto de “terra⁶” na diáspora, mobilização de competências da diáspora e enquadrar a reintegração de investidores cabo-verdianos emigrados. Com isso o papel e o objetivo do governo é procurar fomentar o envio de remessas por parte dos emigrados e incentiva-los a investir no arquipélago.

Nas últimas décadas, o sector turístico emergiu como uma das principais apostas para o desenvolvimento do país, evidenciando uma tendência para se converter no motor da economia cabo-verdiana. Hoje em dia as remessas dos emigrantes, investimento na educação, a pesca (destaca-se nas exportações de produtos marinho como as conservas de peixe, o peixe congelado, as lagostas, o sal, o camarão) e o turismo tem sido os setores que mais contribuem para o (PIB) Produto Interno Bruto do país.

A decisão do envio de remessas, segundo (Francisco Avelino Carvalho, 2009) depende mais de fatores que se prendem com a importância das relações sociais, princípios de solidariedade e obrigações morais, do que de lógicas de custo benefício que em situações de crise obriguem à suspensão quase imediata, ou pelo menos redução, dos fluxos de investimento. A resistência em enviar remessas está assentada na tradição e no que se refere as condições de vida das famílias deixados pelos emigrantes.

Para concluir este sub-capítulo, como o próprio título fala “ A importância da emigração para Cabo Verde”, apresentei essencialmente o caráter relevante da emigração como a saída para o melhoramento econômico e social da família e do país. O envio de remessas e os acordos internacionais como a saída e soluções para vários problemas internos, nomeadamente a descontinuidade territorial, e a carência dos recursos tradicionais.

⁶ Produtos feito em Cabo Verde.

CAPÍTULO II: A EMIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DOS ESTUDANTES CABOVERDIANOS

2.1 - Formação superior e políticas públicas em Cabo Verde

No caso de Cabo Verde, um arquipélago insular que depende da economia e política externa, buscaram-se parcerias e acordos com vários países, principalmente na área da educação superior. Contudo a ideia é trazer e analisar o ensino superior, os acordos e convênios internacionais, políticas públicas em Cabo Verde e o facto de que a aposta em recursos humanos tem sido a alternativa para assegurar o desenvolvimento do país. Segundo Elizabete Ramos⁷ o governo de Cabo Verde está apostando fortemente na capacitação dos recursos humanos. “Sabendo que Cabo Verde não dispõe de recursos naturais tradicionais, a alternativa que os governantes encontraram para essa situação, e a afirmam com certa convicção, é apostando solidamente na capacitação de recursos humanos” (Ramos, 2012 p. 4).

Num país como Cabo Verde, dependente do exterior, e com sérias limitações em recursos naturais tradicionais, nomeadamente a chuva irregular, a aposta no conhecimento e aperfeiçoamento de recursos humanos é a condição fundamental para o desenvolvimento e a integração na economia global. No entanto todos sabemos que baixos níveis de alfabetização e educação em geral podem impedir o desenvolvimento econômico de um país, especialmente em um mundo em rápida transformação impulsionada pela tecnologia. Entretanto, segundo autora “a prestabilidade dos recursos humanos⁸ no sentido de capacita-los para o mercado de trabalho vêm trazendo para Cabo Verde um estatuto privilegiado no desenvolvimento sustentável e social” (Elizabete Ramos, 2012 p. 6).

Cabo Verde é abraçado pela forte corrente emigratória promovida pela vulnerabilidade econômica e social, que foi um fenômeno permanente na história da sociedade cabo-verdiana. Paulino Varela Tavares (2010), em sua tese de doutorado, nos

⁷ Licenciada em Economia e Pós-graduada em Finanças Empresariais pela Universidade do Minho - Portugal – Vogal do Conselho de Administração da Fundação Cabo-verdiana de Ação Social Escolar (FICASE)

⁸ Programa do Governo para a VIII Legislatura, 2011 - 2016 Capacitar os recursos humanos e produzir conhecimento propiciador de crescimento económico.

trás as causas da emigração Cabo-verdiana e a aposta nos recursos humanos. Paulino Tavares acredita que Cabo Verde sendo composta por ilhas insulares, com chuvas irregulares e produção agrícola insatisfatória. Apenas o sol, o vento, o mar e as pessoas constituem a riqueza do país. A emigração temporária dos estudantes e da mão-de-obra em busca de melhores condições socioeconômicas transformou num importante fator de mudança social e econômica do país, e pela sua forma específica de articulação que estabeleceu entre o arquipélago e a economia do país.

O ensino superior Cabo-verdiano é um fenômeno bastante recente. Nas últimas décadas segundo os dados de (Ramos 2012, p. 5) “o ensino superior teve um crescimento médio anual de 33,2 %⁹ de novos matriculados no ensino superior”. Com uma análise profunda dá para tirar conclusões satisfatórias do aumento dos números dos novos estudantes no curso superior. Esses números aumentaram graças aos novos projetos com as suas formas de promover a igualdade, integridade, honestidade e transparência no acesso ao ensino superior. A política da atribuição de bolsa de estudos pelo governo através da Fundação Cabo-Verdiana de Ação Social Escolar (FICASE), que tem por objetivo a missão de promover a igualdade de oportunidades trouxe mais inclusão dos alunos menos favorecidos. Com esse programa a FICASE vêm atribuindo bolsa de estudos aos estudantes com maiores carências socioeconômicas.

O arquipélago é constantemente contemplado por Bolsas de Estudos através de diversas cooperações com outros países por via, principalmente, da Direção Geral do Ensino Superior (DGES). Essencialmente para Pós-Graduações, Mestrados e Doutoramentos, as bolsas são atribuídas para vários pontos do mundo. Entretanto, é nesse aspecto que o Brasil tem sido um forte parceiro de Cabo Verde nessa caminhada, criando e oferecendo programas que visa o acolhimento dos estudantes troca de experiências e o intercâmbio a nível científico e cultural. Os estudantes Cabo-verdiano encontram no Brasil um excelente meio para não apenas realizar seus estudos, como também conviver em uma comunidade caracterizada pela tolerância e as multiplicidades das manifestações culturais das mais diferentes origens e expressões. A língua portuguesa que une a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é a língua que está presente nos cinco continentes. Atraindo os países parceiros a criar convênios, que facilita transições de estudantes entre os mesmos. As manifestações culturais que são diversificadas e o

⁹ Fonte: Anuário Estatístico 2010/11 do Ministério do Ensino Superior, Ciência e Inovação (MESCI)

reconhecimento e valorização do certificado são fatores que mais influenciam os estudantes Cabo-verdianos a procurarem o Brasil como destino. O ensino superior brasileiro responde à demanda Cabo-verdiana de formar profissionais qualificados. Essa é a condição básica para o desenvolvimento econômico e social do país (Rizzi, 2012, p. 80)

O Brasil¹⁰ por sua vez, com a pretensão de cooperar e ganhar espaço entre os países que fazem parte da comunidade lusófona vem criando programas de estatuto internacional que permitem uma forte integração e troca de experiências entre as múltiplas culturas. O Brasil é um país que está à procura da ascensão no meio internacional. A participação ativa nos principais foros políticos e econômicos, a crescente internacionalização da educação superior, a excelência na pesquisa científica e o sucesso na redução da pobreza e diminuição da desigualdade social são fenômenos que ganharam escala ao longo das últimas décadas. Segundo o governo brasileiro¹¹ ao longo da última década, foram mais de 6.000 os selecionados pelo Programa Estudantes-Convênio de Graduação PEC-G. A África é o continente de origem da maior parte dos estudantes, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola (Mallard, 2013, p. 32,33).

Adquirir novos conhecimentos, experimentar uma nova realidade são alguns dos motivos que têm levado milhares de estudantes Cabo-verdianos a embarcar para o exterior, nomeadamente Brasil. Geralmente as Universidades que recebem os alunos ganham um estatuto de instituição internacionalizada. Por sua vez os alunos que se deslocam ao estrangeiro são beneficiados com conhecimento e experiência de uma nova realidade e ao terminarem os estudos voltam com ela na bagagem, e serão futuros quadros.

¹⁰ <http://www.dce.mre.gov.br/Brasil.php> O Brasil é um país em franca ascensão no meio internacional. A participação ativa nos principais foros políticos e econômicos, a crescente internacionalização de suas empresas, a expansão do alcance de sua produção cultural, a excelência na pesquisa científica e o sucesso na redução da pobreza e diminuição da desigualdade social são fenômenos que ganharam escala ao longo das últimas décadas. Consultada em 15 de março de 2014

¹¹ <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.html>, o Programa é regido pelo Decreto Presidencial n. 7.948, publicado em 2013, que confere maior força jurídica ao regulamento do PEC-G. Acessado em 15/03/2014.

2.2 - Formação superior: escolha do destino e os benefícios

Num mundo cada vez mais globalizado, integrado, multinacionalizado e capitalizado que é normalmente sustentado pela forte concorrência. Apenas será possível construir uma economia dinâmica, competitiva e próspera com recurso ao conhecimento. É o que acontece com os estudantes que buscam uma formação superior longe do país da origem. Nesta parte do segundo capítulo procuro analisar essa formação profissional, a escolha do destino, a vivência e os projetos futuros, narrados pelos próprios estudantes.

Analisei alguns depoimentos e entrevistas dos alunos Cabo-Verdianos e verifiquei que para além da valorização do certificado e da importância que é depositado nos profissionais que estudaram no exterior. Vivenciar as diversidades culturais estão entre os principais motivações que levam os jovens estudantes a transitar da sua terra natal para um país estrangeiro. O enriquecimento adquirido com a vivência em sintonia com uma outra cultura e a diversidade do conhecimento estão entre as motivações que fazem os estudantes Cabo-Verdianos procurarem estudar no exterior. É exatamente o que analisei e notei na fala da Sandra Santos¹² natural da cidade do Mindelo ilha de São Vicente, chegou ao Brasil para estudar em 2010, faz o curso de Jornalismo (Comunicação Social) em UFC Fortaleza.

“Eu poderia estudar em Cabo Verde e ficar mais próximo da minha família e dos amigos. Mas como em Cabo Verde quem estudou fora do país tem mais chance de se dar bem na vida profissional. O certificado é super valorizado e a questão de vivenciar uma nova cultura é super importante no currículo de quem estuda fora. Basicamente são estas questões que me levaram a tomar a decisão de estudar aqui, no Brasil.” (Sandra Santos, Fevereiro 2014).

Carlos Subuhana (2005), em sua Tese de Doutorado, disserta sobre vários temas relacionado com ensino superior no Brasil. Uma delas é a escolha do Brasil como destino dos estudantes Moçambicanos para estudar. “Ao escolher um país para prosseguir os estudos, o Brasil acaba apresentando vantagens por causa dos laços de amizade que unem

¹² Sandra Santos, natural da cidade do Mindelo ilha de São Vicente, 24 anos de idade, solteira, chegou ao Brasil para estudar em 2010, faz o curso de Jornalismo (Comunicação Social) em Fortaleza.

os dois países com ênfase em suas especificidades históricas, sociais, econômicas, educacionais e culturais” (Subuhana 2005, p. 8). A língua portuguesa, que é oficial nos dois países, acaba sendo um dos atrativos para esses estudantes. Para o professor Subuhana vale notar que, em termos de custos, por vezes sai mais barato mandar um filho prosseguir seus estudos em uma universidade brasileira. A oportunidade também é apontada como um dos fatores que trazem esses estudantes ao Brasil. Ter no currículo o nome de uma instituição internacional foi e é o grande propósito de muitos estudantes Caboverdianos. Esses intercâmbio de conhecimento enriquece e possibilita uma ampla experiência na vida profissional.

Por vezes é o que acontece em Cabo Verde. As Universidades são caras e inacessíveis para muitos pais que não têm a condição socioeconômica para custear os estudos do filho no próprio país. O Estado por sua vez não tem uma justa política de programas para assegurar a permanência dos estudantes nas universidades. Muitos pais preferem custear a vida do estudante fora de Cabo Verde do que dentro. Entretanto, por vezes, é menos custoso enviar um filho para estudar fora. De certa forma, as Universidades estrangeiras normalmente oferecem bolsas, auxílios e residência gratuita, o que ajuda bastante os alunos e os pais que com esses benefícios ajudam a diminuir consideravelmente as despesas. Esses benefícios se tornam um apoio financeiro aos estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica com objetivo de evitar a evasão acadêmica, e incentivar a ter um bom desempenho.

“A educação, junta a emigração, compõe desde sempre um fator de grande prestígio e honra entre os Cabo-Verdianos, que idealizam ascender social e economicamente” (Correia 2014, p.58). Na dissertação, Andreia Correia fala do retorno dos estudantes Cabo-Verdianos e as suas inserções profissionais, como também do trânsito dos estudantes e a importância que a migração acadêmica tem influências sobre os jovens estudantes Cabo-Verdianos. Nesta dissertação também encontramos um conjunto de depoimentos dos estudantes que terminaram os estudos e voltaram prontos para a inserção no mercado de trabalho. Em Cabo Verde, o curso superior feito no exterior confere prestígio e honra porque normalmente os que o possuem compõem as classes privilegiadas do país. Para além disso, a escolha de sair é motivo de orgulho não só para os estudantes como também para os pais e familiares que na maioria dos casos nunca tiveram o privilégio de uma formação superior.

2.3 - A educação como ascensão social: A emergência de uma nova elite após a Independência

Em 1975, Cabo Verde era por muitos considerado um país inviável. Os constrangimentos tais como a insularidade, as secas, a escassez de água, a desertificação, a exiguidade de solo arável e a grande vulnerabilidade ambiental e económica eram a maior preocupação dos cabo-verdianos e da comunidade exterior que na altura não acreditava na independência do arquipélago. Cabo Verde saído da luta de independência, logo interpretou a sua vontade e o seu destino, desde o primeiro momento, decidiu apostar no desenvolvimento do capital humano. Assim, foi implementado um amplo programa de alfabetização, edificando um sistema educativo aberto a todos, considerado o fator estratégico para a transformação económica e social das ilhas. Porém nesse subcapítulo pretendo investigar o processo educativo como a trilha para a ascensão social.

O desenvolvimento da educação, e conseqüente valorização dos recursos humanos, segundo Maria da Luz Ramos (2012) é articulado ao processo de constituição da elite política em Cabo Verde, uma vez que a posse de um diploma escolar tem funcionado com um dos importantes critérios de recrutamento. Após a independência, a política de formação de novos quadros iria marcar o perfil dos primeiros crioulos a chegar ao topo do poder legislativo de Cabo Verde.

A aposta fortemente na capacitação dos recursos humanos era uma das contribuições para que o país ganhasse destaque a nível intelectual, educacional e social desde a independência. A democratização do ensino trouxe um conjunto de medidas que frisou uma profunda transformação social propiciadora da emergência de novas elites, de novos valores e de novos paradigmas sociais. Praticamente a única forma de ter uma ascensão social dentro das classes pode ser considerada através da educação.

“Os cabo-verdianos sempre idearam a educação como o principal recurso para viver e ascender na hierarquia de prestígio social. Na época da Colônia, apenas os filhos das classes possidentes tinham direito à educação. Não se esqueça, todavia, o relevo do papel desempenhado pelas escolas católicas na formação de jovens das camadas mais pobres da sociedade cabo-verdiana. Sem recursos naturais tradicionais abundantes, a detenção de um diploma torna-se no canal fundamental para um emprego e/ou para a

ascensão na hierarquia da administração colonial e de prestígio social” (Primeiro Ministro de Cabo Verde, José Maria Pereira Neves, Junho 2009)¹³.

Segundo o primeiro-ministro José Maria Pereira Neves, a educação tem sido um dos pilares essenciais da República de Cabo Verde. Após a independência do país a palavra-chave era a democratização do ensino, da educação, das ideias e da inclusão dos mais desfavorecidos. Num mundo globalizado, o acesso ao conhecimento diversificado tem possibilitado uma forte concorrência que automaticamente tem oferecido um novo carácter à educação cabo-verdiana. Depois de 1975, milhares de jovens cabo-verdianos, de todas as condições sociais, licenciaram-se nas universidades dos quatro cantos do mundo. No entanto estes estudantes ao voltarem como licenciados, automaticamente fizeram parte dos quadros das instituições governamentais e não-governamentais. Consequentemente estes mesmos estudantes são os que compõem a classe privilegiada do país.

A gênese e formação da elite administrativa cabo-verdiana provêm desse contexto específico de modernização da sociedade portuguesa e da posição de Cabo Verde não como espaço da exploração, mas sim com um local de mediações entre a metrópole e as demais províncias ultramarinas. Segundo Crisanto Barros (2011), a expectativa dos cabo-verdianos era participar na governação do império colonial, e com a implementação de instituições de ensino em Cabo Verde, com objetivo de profissionalizar os cabo-verdianos para ocupar postos na administração nas outras colônias portuguesas. Dentro deste contexto surgiu uma nova elite.

Sabemos que a sociedade cabo-verdiana na época colonial estava estruturada em duas únicas classes: uma era dos senhores (brancos, naturais e mulatos), e a outra, a dos libertados (negros ou mulatos e escravos). Segundo António Carreira (1983), antigamente a raça tinha uma enorme decisão e contribuição na divisão da estrutura social cabo-verdiana, mas mesmo assim existiam mulatos que faziam parte da elite na época colonial. Entretanto na época pós-colonial a estrutura social consistiu e ficou associada à educação.

¹³ Discurso De Primeiro-ministro Na Abertura Do I Colóquio Internacional “Sobre Os Limiares Críticos Educação”, uma iniciativa promovida pela Universidade de Santiago, como lema «Os Limiares Críticos da Educação Contemporânea».

As novas elites emergiram através da educação. Com uma análise da situação atual de Cabo Verde, reparamos que o caminho para a ascensão social é visível, ela está intimamente associada a educação.

2.4 - A emigração temporária dos estudantes cabo-verdianos: sua volta à origem e a sua ascensão

A migração existe desde o surgimento do homem, que sempre usou de tal artifício para sobreviver. Atualmente as migrações têm outros objetivos, principalmente econômicos, políticos ao para estudar e conhecer novas realidades. A emigração temporária consiste essencialmente numa migração em que a pessoa reside apenas por um período pré-determinado no lugar para o qual migrou, e com fins determinados. A proposta aqui é suscitar os processos e os caminhos que estão nas origens de querer emigrar temporariamente para alcançar os objetivos.

Os estudantes que procuraram dar continuidade aos seus estudos fora do país não tomaram a decisão de emigrar apenas pelo motivo de estudar. As vivências, trocas de conhecimento culturais, a experiência de compartilhar saudade do país da origem, os surgimentos de novas amizades num país distinto da origem também estão no extenso cardápio dos estudantes que preferem começar uma jornada e uma aventura longe da sua terra natal. São jovens que preferiram escolher uma formação fora do país por motivos conhecidos e tradicionais, que normalmente são outras vivências, reconhecimento, valor do certificado, conhecimento de novos sistemas educacionais e sociais, que juntos fortalecem as escolhas dos jovens estudantes.

Após a independência do país, com a política de formação de quadros o Estado viu-se forçado a implementar um sistema para suprir estas necessidades enviando estudantes para complementar os estudos fora do país. Na altura o arquipélago não dispunha de universidades que garantissem a formação de quadros. Com essa política que era necessário na altura mapeava o futuro de uma nova geração que marcaria a estrutura do poder do Estado. Hoje se percebe que o plano do governo em estabelecer uma política que garantia uma nova cara ao Estado funcionou perfeitamente. Atualmente, quem gerência o Estado cabo-verdiano são estes estudantes que beneficiaram dessa política.

Desde sempre o processo de formação dos quadros de nível superior e da genealogia dos quadros tem levado os jovens cabo-verdianos a preferir emigrar temporariamente a fim de buscarem formação acadêmica qualificada, que posteriormente venha a ser uma garantia para a inserção privilegiada no Estado. Contudo estes estudantes ao voltarem para o país de origem, irão empregando e participando ativamente nas questões políticas, económicas e sociais do Estado. Com estes privilégios, na maioria dos casos, futuramente estes novos quadros começam a se inserir na classe elite do país. Nesse caso a famosa elite letrada do país, uma classe que ascendeu socialmente, economicamente e nas questões políticas do Estado através do ensino.

O percurso de sair por um tempo determinado e a volta a origem tem uma grande relevância para o país ao trazer diversidades de ideias e de visão do futuro para estes estudantes que serão novos quadros administrativos do Estado. Entretanto com o desemprego que assola o país nos últimos anos, nem todos os estudantes foram contemplados premiados com empregos e se conseguem não vai ser na área da especialidade desses recém-formados. No entanto é o que observamos na dissertação de mestrado da Andreia, as narrações dos estudantes que terminaram os estudos e ao voltarem à origem não conseguiram ter um emprego tão cedo, e, no entanto, se encontrassem emprego por vezes não vai ser na área de especialização (Correia, Andreia 2014). Andreia também analisa na sua dissertação a vivência, as dificuldades enfrentadas durante o processo de formação, o retorno e as inserções profissionais.

Antigamente a elite cabo-verdiana se centralizava nas pessoas que sabiam ler, escrever e nas pessoas que tinham o poder da palavra e do discurso. A herança também era o caminho da ascensão social, pois só quem era considerado elite na sociedade cabo-verdiana, pessoas que tinham as maiores propriedades, o maior campo de cultivo e os grandes comerciantes. No entanto, hoje em dia o caminho que dá acesso à classe privilegiada, basicamente continua a ser o mesmo. O que se percebe é que o ensino superior se tornou o caminho mais acessível a uma vida melhor, e dentro deste aspecto possibilita a transição dentro da classe. Contudo o resultado que se nota entre as fronteiras da demarcação das classes, é que existe uma diferença de vida, que, no entanto, passa uma imagem de que elas vivem em um mundo totalmente diferente.

2.5 - A emigração e as marcas deixadas pela mobilidade dos estudantes

Estudar fora do seu país não é nada fácil. Os estudantes que vão estudar no exterior são obrigados a se afastarem dos pais, amigos, colegas de infância, por vezes o namoro para embarcar atrás do seu sonho. Normalmente é o que acontece com vários estudantes que estão atrás dos seus sonhos. Entretanto a minha ideia neste sub-capítulo do TCC: trazer as entrevistas dos alunos que estão a passar por essa experiência e fazer uma análise da situação, como também fazer uma análise teórica sobre o processo da socialização sofrido pelos estudantes durante o período da interação social. Nas entrevistas com estudantes Cabo-verdiano buscava compreender e identificar alguns aspectos da experiência que são frutos do processo de adaptação social do sujeito ou do grupo, a fim de observar as mudanças impostas pela vivência no exterior, sobretudo as experiências interculturais do cotidiano. Saber dialogar e lidar com as diferenças entre as culturas e ter uma postura conciliadora e respeitosa perante as diferenças culturais, tende a minimizar os conflitos e fortalecer a integração e o respeito mútuo.

Um caminho de tristeza e esperança. A separação temporária que se dá entre familiares e estudantes, torna-se num momento de muita nostalgia para quem parte e para os que ficam. Entretanto os termos “partida”, “despedida” e “saudade” são temas de maior enfoque entre os escritores, intérpretes e músicos Cabo-verdianos. Como exemplos trago alguns títulos de poemas refletivos que retratam a dolorosa despedida e a vivência dos Cabo-Verdianos longe da sua terra natal. Os poemas do nosso ilustre mestre Eugênio Tavares que, para além de escritor e músico, foi também jornalista e poeta cabo-verdiano. “Hora de bai” e “despedida” são poemas que estão relacionados com a hora da partida, a vivência longe da família, a forma de lidar com a saudade da terra natal e a vontade de abraçar os familiares de novo. Nas entrevistas que fiz com estudantes Cabo-verdianos dão para notar esses detalhes.

Os estudantes cabo-verdianos que estudam no exterior ao terminar os estudos, levam para Cabo Verde não só a bagagem intelectual adquirida durante os anos de estudo, mas também um pouco da experiência de vida adquirida durante o período de estudos, fruto de contacto com o cotidiano brasileiro (Ellery 2004, p. 96). Ao terminarem os estudos, os jovens estudantes voltam com uma experiência, e uma ligação profunda que os mantém constantemente ligados à realidade brasileira, que segundo a autora Daniele

Ellery resulta da forte convivência e troca de experiência entre os alunos estrangeiros com a cultura brasileiros.

Para Daniele Ellery, os estudantes Cabo-verdianos inventam um novo modo de ser cabo-verdianos, num contexto distinto do vivido em seu país de origem. O afeto e o apego ao sistema cultural e simbólico nacional, fora do país é construído socialmente dentro do grupo dos estudantes cabo-verdianos em contexto diferente, que de certa forma se reúnem para preparar comidas típicas do país, cantar, dançar e vivenciar a “morabeza crioula¹⁴”. Traçar planos para a sua estadia durante os estudos, acertar o burocrático problema da renovação do visto de permanência e de convencionar e viver os momentos de convivência estão entre os objetivos dos encontros dos estudantes cabo-verdianos.

Paulo Fernandes¹⁵, um dos alunos Cabo-Verdianos que concedeu uma entrevista para o TCC falou da motivação que o levou a estudar no Brasil. Como os estudantes cabo-verdianos se integram e preservam a sua cultura numa realidade diferente, como os estudantes encaram as questões das dificuldades do cotidiano e também da mobilidade estudantil que existe entre estas duas nações. Entretanto Paulo e os outros entrevistados vão nos trazer uma visão sobre o que é esse tal fenômeno da “diáspora Cabo-verdiana”. Um tema complexo universalmente, mas para a sociedade Cabo-Verdiana é um tema falado diariamente nas principais agências noticiosas do país e no seio da sociedade. É o que Andréa de Sousa Lobo (2012), fala no seu artigo “*Africa em movimento*”, ao afirmar que a “sociedade Cabo-Verdiana é “transnacional”, a emigração ocupou em Cabo Verde no passado e ocupa no presente, um lugar privilegiado”. A emigração é vista como um valor. “ Produzindo o país como um exemplo da sociedade transnacional e, em larga medida, reduzindo indivíduos, famílias e a nação cabo-verdiana a ícones de transitoriedade moderna” (Lobo, Sousa 2012, p. 66). Apesar de ser uma sociedade transnacional que marcaria a sua identidade, segundo a pesquisadora Andréa Lobo Cabo Verde tem reproduzido significativamente os seus traços culturais.

¹⁴ Uma palavra que caracteriza unicamente o povo cabo-verdiano, ela está ligada a simplicidade, a hospitalidade e, a o que é único de Cabo Verde.

¹⁵ Paulo Fernandes, natural da cidade da Praia, ilha de Santiago, 21 anos de idade, solteira, chegou ao Brasil para estudar no 30 de maio de 2013. Estudante Cabo-Verdiano que estuda na UNILAB (Universidade Da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), estuda nesta Universidade o curso de Administração Pública desde 2013, foi um dos alunos entrevistado que me ajudou bastante com a disponibilidade do seu tempo.

Segundo a autora a “sociedade transnacional” cabo-verdiana, que é fruto da corrente emigratória que aconteceu no passado, ainda acontece no presente, produz uma sociedade “transnacional” e influencia a sua identidade em vários sentidos. Cabo verde é conhecido como um país insular exemplar de comunidades emigradas nos quatros cantos do mundo. Entretanto é o que se nota nas entrevistas dos alunos Cabo-verdianos que estudam no Brasil, na cidade de Fortaleza e Redenção.

“O motivo que me levou a estudar no exterior é a importância e valorização dos quadros que estudaram no exterior, também a questão do nível de qualidade do ensino e qualificação dos estudantes.

A inserção e interação dos alunos cabo verdianos, no meu ponto de vista, afirmo que é ótimo, apesar das dificuldades que enfrentamos nessa nova etapa. Uma coisa é certa, nós interagimos bem com os outros, mantendo sempre o diálogo e contato, criando, dessa forma, laços de novos amizades.

Eu me identifiquei bem em relação a identidade, sempre procuro construí-la de uma forma integrada, aberta e cordial com as pessoas.

Nós encaramos a questão de dificuldade com toda normalidade e tranquilidade, sempre buscando superá-los da melhor maneira possível, numa vez em que todos estão sujeitos a dificuldades só nos resta procurar forma de e para resolvê-las (Paulo Fernandes, Janeiro de 2014)”.

O valor e o reconhecimento do certificado que é oferecido pela sociedade Cabo Verdiana aos estudantes que cursaram fora do país, mantém como o principal objetivo de saída dos estudantes que sonham em ter um bom futuro acadêmico e profissional. A vivência fora do país ajuda a fortalecer as experiências desses futuros quadros do país. Entretanto, essas experiências adquiridas durante o período de formação, que são frutos de áspera convivência entre duas realidade distintas, estudante estrangeiro e a cultura brasileira, é o que Daniele Mourão fala constantemente no seu livro “*Identidades em Trânsito* (2004)”.

Na entrevista com Paulo Fernandes dá para perceber claramente esses traços “mobilidade estudantil”. Nota-se que fora do país, longe dos pais e demais familiares,

quem preenche esse espaço (sabendo que esse espaço ninguém conseguiu preencher, os pais são insubstituíveis), é o braço amigo dos colegas e patriotas do mesmo país. Durante as minhas observações nesse contexto percebo que existe um profundo companheirismo entre os estudantes estrangeiros, uma irmandade que os levam a apelidar uns aos outros de meu pai, minha mãe, irmãos, filhos, primos.

“Nós os estudantes cabo verdianos construimos a nossa identidade no exterior através das nossas raízes culturais, valores, crenças e costumes e também através da nossa convivência dia pós dia com a sociedade onde estamos insiridos, e de mãos dadas ajudaremos uns aos outros.

Os emigrantes cabo verdianos preservam a cultura cabo verdiana no exterior através das manifestações culturais, preservação da língua, da música, da literatura, da culinária e dos hábitos e costumes (Paulo Fernandes, Janeiro de 2014)”.

Reparo que Paulo Fernandes atribui problema de um caboverdiano como problema de todos. A união que existe é uma forma de aliviar a saudade que persiste em lembrar a ausência dos familiares. A resistência e o companheirismo são duas palavras chaves para lidar com a saudade que se instalou através da carência que a nova situação lhes trouxe. Para preservar a cultura nacional, Paulo Fernandes acredita que a melhor forma de fazê-lo seria através das manifestações culturais, preservação da língua, da música, da literatura, da culinária e dos hábitos e costumes. Em relação à construção da identidade dos alunos caboverdianos que estudam no Ceará, para Paulo Fernandes ela é construída através da valorização das nossas raízes culturais, valores, crenças e costumes e também através da troca de experiência e convivência dia após dia com a sociedade e alunos das outras nacionalidades.

“Diáspora” é uma palavra complexa, a definição dela varia de acordo com quem a define. Normalmente, muitos têm a diáspora como um lugar onde é vivido intensamente a realidade cultural da sua terra natal sem distanciar das suas raízes, mantendo sempre informado o dia a dia do seu povo e dos acontecimentos sociais. A definição de Paulo Fernandes não distancia ele acredita que a “Diáspora Cabo-Verdiana” é toda a comunidade cabo verdiana que está dispersos pelo mundo inteiro e que está sempre ligadas às suas raízes culturais. O assunto da “diáspora Cabo-Verdiana” é bastante

discutido em Cabo Verde, sabendo que segundo os dados de Fundo Monetário Internacional (FMI), existem mais caboverdianos vivendo no resto do mundo do que em próprio território nacional. Essa grande maioria dos caboverdianos que reside no exterior é que compõe oficialmente a “diáspora Cabo-Verdiana”. No entanto é considerada uma das principais fontes econômicas do país.

“Diáspora” cabo verdiana é toda a comunidade cabo verdiana que está dispersos pelo mundo inteiro, e que está sempre ligada às suas raízes culturais. (Paulo Fernandes, Janeiro de 2014)”.

Podemos definir a diáspora a partir destas pessoas que, por motivos conhecidos, estão ligadas emocionalmente e afetivamente à sua terra natal. Iolanda Évora¹⁶, no seu artigo “A Diáspora Cabo-Verdiana: Percepções e redefinições a partir do Arquipélago” mostra e analisa o facto de Cabo Verde ser um dos países africanos atuais, que tem uma das mais importantes comunidades de emigrantes vivendo no estrangeiro em relação à sua população residente e que mais cedo organizou-se como diáspora (Évora, Iolanda, 2010, p. 4). A autora destaca o afeto ligado ao lugar da origem, ao espaço físico e simbólico, que de certa forma instiga a comunidade diasporica a investir e a participar no desenvolvimento do país.

Para Iolanda Évora o termo diáspora tem sido abraçado como descritivo dos resultados das mobilidades cabo-verdianas, e é um forte indicador de mudanças na percepção e identificação dos indivíduos que estão no exterior, como também no ponto da partida, ao seja, o lugar de origem. “A diáspora traz-nos logo a noção de algo que se fixa lá fora, que tem uma presença e uma ausência duráveis (Évora, 2010, p. 3)”. Évora acredita que para estudar a sociedade de origem cabo-verdiana é meramente tentar dar conta de um país diversificado e em mudança cujos habitantes participaram ativamente

¹⁶ Iolanda Maria Alves Évora, Psicólogo social pela universidade de São Paulo, investigadora associado do Centro dos Estudos sobre a África e o Desenvolvimento. Desde 1998, conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigações sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre a transnacionalismo, processos associativos em contexto migratória e concepções e discurso sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago.

Actualmente lecciona disciplinas de psicologia social, organizacional e metodologia qualitativas em licenciaturas e mestrado do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.

nas transformações sociais despertada pela constante mobilidade e convivência com novas culturas. Essa mobilidade leva Cabo Verde a assumir um carácter cada vez mais transnacional e globalizado.

Uma particularidade da chamada diáspora cabo-verdiana é que, segundo Marzia Grassi (2003), ocorre uma ‘interiorização’ dos países de destino como se fossem parte do território de Cabo Verde. Existe a percepção de que a nação crioula não é limitada às ilhas do arquipélago que são suas fronteiras naturais. A pátria cabo-verdiana tem o mundo como território. Essa é uma percepção que está ancorada na história do arquipélago e, portanto, vai muito além da perspectiva econômica. São partículas que permaneceram durante séculos e hoje permanecem. Devido à escassez de recursos naturais que reflete na pobreza do solo e na constante seca resultante de irregularidade da chuva, o melhoramento econômico, está entre os principais motivos que levam os caboverdianos a emigrarem, mas também a tradição está sendo um forte rival.

A estudante Cabo-verdiana Ailene Rosa¹⁷ que cursa Letras na UNILAB, tem uma visão da diáspora como uma formação da comunidade no exterior ao longo do tempo. Ela falou também da sua experiência em Portugal durante os seus estudos vivendo de perto esta realidade juntamente com a sua avó, tios e sobrinhos.

“A “diáspora cabo verdiana” para mim que vivenciei está realidade de perto, ela é um termo utilizado para nomear as comunidades cabo verdianas que se formaram ao longo do tempo no exterior, em Cabo Verde esse termo é muito usado já que encontramos um grande número da população fora do país (Ailene Rosa, Fevereiro de 2014)”.

No depoimento do Paulo Fernandes como também da Ailene Rosa, nota-se claramente uma aproximação e convicção no que diz respeito à ligação e à união dos estudantes nas horas difíceis. Os momentos melancólicos são sempre quebrados pelo encontro com único propósito: reunir para lembrar a “morabeza crioula” essencialmente nas partes da gastronomia, música, dança, jogos sobretudo aquela roda de conversa que os fazem sentir um pouco de Cabo Verde. Na entrevista da Ailene Rosa – que se segue – narra o percurso, a instalação, a convivência e o modo de diminuir a saudade de casa.

¹⁷ Ailene Cristina Brito Soares Rosa, natural da cidade da Praia ilha de Santiago Cabo Verde, 22 anos de idade, solteira, chegou no Brasil no dia 31 de Maio de 2012, cursando letras desde 2012.2 (primeira entrada).

Segundo Ailene Rosa “são coisas pequenas, porém de um enorme valor, pois é o que nos identifica”.

“ O sonho de ter um curso superior de qualidade e conhecer novas realidades é que me motivou a estudar no Brasil. Os cabo verdianos se adequam muito rápido à nova cultura fruto da diversidade cultural existente em Cabo Verde. Não encontro muitas diferenças no que diz respeito à identidade. O povo brasileiro é um povo alegre e hospitaleiro. A cultura se aproxima muito à nossa fazendo-nos sentir um pouco da nossa “ morabeza”.

Somos um povo unido, e basta saber que temos uns aos outros, um ombro amigo, como família de mãos dadas vamos enfrentar os desafios que aparecem no nosso caminho” (Ailene Rosa, Fevereiro de 2014).

Ailene Rosa, no seu comentário, mostra as pontes que unem os Cabo-verdianos fora e dentro do território nacional. Uma ponte que tem como base sólida a cultura e a “morbeza” dos Cabo-verdianos. A cultura Cabo-verdiana, herança dos nossos ancestrais, por vezes é desleal com os seus filhos, porque na maioria das vezes, essa cultura obriga os Cabo-verdianos a emigrarem para estudar, para trabalhar, para visitar os familiares como também à procura de melhores condições de vida. É raro encontrar um cabo-verdiano que não tem uma família vivendo fora do país.

O orgulho e a esperança que os pais depositam nos filhos que vão atrás do seu sonho, esse sonho não é só do filho como também dos pais. Porém de certa forma desperta nos estudantes a motivação de continuarem com muita responsabilidade, firme e forte na sua caminhada académica. Muitas vezes existe desistência por parte dos estudantes porque não se adaptaram à nova realidade. É o que aconteceu com Ailene Rosa em Portugal. Ela interrompeu o seu estudo porque não se adaptou à realidade, segunda Ailene quando ela estudava em Portugal não conseguiu adaptar-se ao clima e ao horário, e no entanto acabou por desistir. O pai acabou por apoiar a decisão, sabendo que não é fácil para uma menina de 18 anos na altura, viver longe dos pais e em um país onde a realidade natural e social são diferentes.

“Ami nsa xinti lá kabu verdi – (Tou sentindo em Cabo Verde)”, assim falou a Diana Tavares em um tom entusiasmado durante a festa convívio entre estudantes Cabo-Verdianos, que estudam na Cidade de Redenção e Fortaleza, com o intuito de

confraternizar. Um encontro para fortalecer a amizade, que, no entanto é o essencial para fazer prevalecer a integridade e viver a “morabeza” Cabo-Verdiana. Foi um encontro de dois dias, o caminho que gente traçou foi de uma roda de conversa com os novatos (recepção da chegada de novos estudantes) e convivência a “jeitinho” Cabo-Verdiano. Está comprovado que esta é a arquitetura e sistema que os jovens estudantes crioulos dispunham para minimizar a saudade da terra natal, e as entrevistas do Paulo e da Ailene comprovam esse fenômeno.



Foto tirada durante a convivência entre estudantes Cabo-Verdianos que estudam em Fortaleza e Redenção (fotógrafo Hamilton, Abril de 2014).

Falar de festas é falar de unidade, diversão e confraternização (Subuhana 2005). Ela nos revela com quem os caboverdianos andam e nos mostra como é que essa geração de caboverdianos preserva as tradições do país de origem, principalmente nas festas de comemoração da independência onde é de costume apresentar actividades culturais, sociais e gastronomia típico do país. Percebe-se que os caboverdianos dão mais valor à sua cultura quando estão fora do território nacional. Esse é um dos factos que percebi perante os diálogos paralelos e durante o processo de observação. Entretanto, no trecho da entrevista que se segue com Ailene Rosa, repara-se que ela trás alguns motivos que levam os caboverdianos a se reunirem para uma convivência “terra a terra”.

“Por ser um povo unido, acabamos por manter a nossa cultura através das nossas músicas e danças, já que adoramos cantar e dançar. Sempre reunimos para ter uma

roda de conversa, canta-mos, dançamos e isso nos faz viajar para à nossa terra natal.

Da mesma maneira que nós aqui tentamos preservar, a maioria dos cabo verdianos preservam e enfoque a sua cultura no exterior. Como por exemplo, é de costume a gente se juntar e preparar aquela gastronomia de dar água na boca, músicas e danças “terra terra” como nós mesmo falamos, são coisas pequenas, porém de um enorme valor, pois é o que nos identifica (Ailene Rosa, Fevereiro de 2014)”.

“Cachupa”, o prato típico da gastronomia de Cabo Verde, o prato mais conhecido em Cabo Verde, é um dos principais responsáveis pelo convívio/encontro entre os estudantes Cabo-Verdianos. O prato tem que estar presente nos encontros de socialização. Entretanto, depois da bandeira nacional e das músicas tradicionais a cachupa é um dos símbolos que mais identificam os caboverdianos que estudam ou vivem no exterior. Frequentamos algumas festas dos nossos companheiros das outras nacionalidades, como os Angolanos, Guineenses, Santomenses e Moçambicanos, que também oferecem a cachupa para os convidados, ela tornou um dos símbolos da integração.

Os Cabo-Verdianos são especialistas em construir pontes entre as culturas para minimizar os conflitos existentes entre eles. Isso é fruto da vasta experiência cultural vivida de geração em geração. “A emigração em Cabo Verde pode ser considerada um fenômeno natural que passa de uma geração a outra, com maior ou menor intensidade, conforme as conjunturas econômicas, sociais e políticas do país” (Alves 2008, p. 46). O que por vezes leva-me a dizer que a emigração está no sangue dos Cabo-Verdianos. Também afirmo que entre os Cabo-Verdianos todos têm um parente ou um conhecido que vive fora do arquipélago.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar gostaria de deixar claro que foi o meu primeiro contato com a produção do TCC, no entanto não foi nada fácil. Entretanto foi uma experiência única e louvável, cada passo foi uma nova aprendizagem que a cada dia vem fortalecendo a meu mundo acadêmico. Percebi que o caminho não é fácil, cada etapa dependerá da minha autoconfiança e principalmente, ter foco, disciplina e devoção para atingir o objetivo pretendido.

Com o intuito de responder com clareza às questões impostas pelo TCC, optei por vários caminhos e metodologias, devido ao seu caráter complexo. Assim, as questões impostas pelo mesmo procuraram ser elaboradas e respondidas utilizando uma metodologia de pesquisa que contemplou a consulta de um leque de livros e artigos de especialistas, páginas da internet, entrevistas e observações de atores envolvidos no campo de estudo. Foram realizadas entrevistas de acordo e em sintonia com a questão principal do TCC.

Foram usadas perspectivas de vários atores, tais como apercepção histórica; percepção governamental; percepção da sociedade; contexto histórico de organização do Estado após a independência e a percepção dos estudantes. A minha ideia ao trazer todas estas percepções é compreender historicamente às raízes que tornaram o fenômeno da emigração temporária dos estudantes tão importante para Cabo Verde. Ao usar estas perspectivas ficou claro que a necessidade de emigrar está para além do capricho, ela está associada a uma vida melhor, que permite satisfazer as necessidades básicas do ser humano.

De acordo com a análise feita sobre a ascensão social em Cabo Verde, percebe-se que o caminho que dá acesso a esta ascensão está associado à educação. Quem optar pelo caminho do ensino superior, principalmente os estudantes que buscam um ensino diversificado e fora do território nacional, tem mais chance de ascender socialmente, economicamente e politicamente dentro da classe, tornando mais forte as diferenças entre as fronteiras das camadas sociais.

O ensino superior tornou-se uma aposta para o desenvolvimento na perspectiva dos cabo-verdianos. A forma como se dá a emigração temporária dos estudantes trouxe influência para esses estudantes. A vivência dos estudantes durante o período de formação

é tido como um bem para a sociedade cabo-verdiana. A volta à sua origem e a ascensão social são processos que fazem parte da vida dos estudantes na sua trajetória acadêmica. O Estado e a sociedade são dois agentes que simultaneamente, com os interesses do país e dos jovens estudantes, vêm oferecendo e concedendo mais oportunidade aos estudantes que desejam continuar o seu estudo no exterior. Desde sempre a sociedade cabo-verdiana tem a emigração como um valor e solução para vangloriar o sujeito, contudo esse valor reflete nos jovens que automaticamente procuram dar continuidade ao seu percurso acadêmico fora do país.

Naturalmente o que está na base dos problemas que levam os cabo-verdianos a uma emigração em massa está assentado em dois fenômenos naturais: o primeiro que consiste na descontinuidade do território e na escassez do recurso natural. O segundo fenômeno consiste na valorização do sujeito que emigra, nesse caso a emigração temporária dos estudantes, que normalmente é tido como valor para a família, como também para a sociedade e o Estado que por sua vez dão mais créditos aos estudantes que formaram fora do arquipélago.

O outro aspecto que tive a possibilidade de analisar e trabalhar são as vivências dos estudantes cabo-verdianos em Fortaleza e Redenção narrado por eles mesmos, através das entrevistas, do convívio e da observação. A entrevista pareceu-me uma das metodologias mais eficazes para responder as questões associadas a esta temática. Neste aspecto concluí que a convivência, e a proximidade dos colegas do mesmo país passam a ser uma relação e um sentimento familiar, porém os estudantes passam a valorizar a presença dos colegas e a própria cultura.

Percebe-se que os cabo-verdianos dão mais valor à sua cultura quando estão fora do território nacional, esse é um dos factos que percebi perante os diálogos em paralelo e durante o processo de observação. Os momentos melancólicos são ultrapassados quando o propósito é reunir para relembrar a “morabeza crioula” essencialmente nas partes da gastronomia, música, dança, jogos sobretudo aquela roda de conversa que os fazem sentir um pouco de Cabo Verde. Estão comprovados que esta é a arquitetura e sistema que os jovens estudantes crioulos dispõem para minimizar a saudade da terra natal.

A pesquisa por sua vez procurou atender à minha curiosidade de entender bem o fenômeno da emigração temporária dos estudantes, a sua vivência no país do destino, a volta à origem e a ascensão social, porém a curiosidade virou uma coisa nítida através da

pesquisa, feita a partir das entrevistas e observação dos alunos cabo-verdianos que estudam em Fortaleza e Redenção.

Concluir este TCC, não foi uma tarefa fácil devido ao seu caráter complexo. Trabalhar com as perspectivas de vários atores foi um processo árduo. Por outro lado, existiu um duplo comprometimento com as disciplinas do curso e o TCC. Porém a interdisciplinaridade do BHU ajudou bastante ao oferecer um caráter diversificado que possibilitou vários caminhos para responder às questões relacionadas com o TCC.

Roteiros de Entrevistas

Abaixo encontram-se anexado duas entrevistas, uma com a Ailene Rosa e a outra com o Paulo Fernandes. As outras entrevistas foram feitas através da gravação.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

Trabalho: Entrevista com os alunos cabo-verdianos

Orientadora: Susana Abrantes

Orientando: Carlos Santos

Data: 14 de Novembro de 2013

Caros colegas e patriotas, escrevo agradecendo pela vossa contribuição no meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), a vossa colaboração é de extrema importância para o meu futuro académico.

RITEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

1. O que o levou a estudar no exterior?
2. Como é que os estudantes cabo-verdianos se inserem e interagem no país do destino?
3. Como você se identifica no exterior em relação a identidade?
4. Como é que os cabo-verdianos encaram as questões das dificuldades do quotidiano?
5. Como é que os estudantes cabo-verdianos constrói a sua identidade no exterior?
6. Como é que os emigrantes preservam a cultura cabo-verdiano no exterior?
7. O que é a diáspora cabo-verdiana?

- 1) O motivo que me levou a estudar no exterior é todo o império e melhorias que o estudo no exterior tem todo no meu país e também todo o quanto do nível de qualidade do ensino e qualificação dos professores.
- 2) A inserção do meu país de visto afirma que é ótimo apesar das dificuldades que enfrentamos numa nova etapa de nossa vida e nós interagimos bem uns com outros, mantendo sempre o diálogo, o contato e os reforços e criando esta forma legal de nós amigos.
- 3) Já me identifiquei bem em relação a identidade, sempre procurando construir-la de uma forma integrada, aberta e sendo crítico com as pessoas.
- 4) Nós encontramos a questão de dificuldade com toda normalidade e tranquilidade, sempre buscando superá-las de melhor maneira possível, uma vez em que já são sujeitos a dificuldades só temos que procurar forma para resolvê-las.
- 5) Já os estudantes bolivianos construímos a nossa identidade no exterior através das nossas raízes culturais, valores, crenças, costumes e na nossa existência dia por dia com a sociedade.
- 6) Os emigrantes bolivianos preservam a cultura boliviana no exterior através de manifestações culturais e na preservação de língua, de música, de literatura, de culinária e nos hábitos e costumes.
- 7) Diáspora boliviana é toda a comunidade boliviana que está dispersa pelo mundo inteiro em que está sempre ligada às suas raízes culturais.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

Trabalho: Entrevista com os alunos cabo-verdianos

Orientadora: Susana Abrantes

Orientando: Carlos Santos

Data: 14 de Novembro de 2013

Caros colegas e patriotas, escrevo agradecendo pela vossa contribuição no meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), a vossa colaboração é de extrema importância para o meu futuro académico.

RITIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

1. O que o levou a estudar no exterior?
2. Como é que os estudantes cabo-verdianos se inserem e interagem no país do destino?
3. Como você se identifica no exterior em relação a identidade?
4. Como é que os cabo-verdianos encaram as questões das dificuldades do cotidiano?
5. Como é que os estudantes cabo-verdianos constroem a sua identidade no exterior?
6. Como é que os emigrantes preservam a cultura cabo-verdiana no exterior?
7. O que é a diáspora cabo-verdiana?

1) O sonho de ter um curso superior de qualidade.

2) Eu acho que os cabo-verdianos se adequaram muito rápido à nova cultura.

3) Não encontro dificuldades, até agora, as diferenças culturais são poucas, acho que a maior dificuldade é a língua e mesmo assim já estamos familiarizados.

4) Somos um povo unido, e basta saber que temos uns aos outros, como uma família e de mãos dadas vamos enfrentando os desafios que aparecem no nosso caminho.

5) Eu acho que pode ser um povo unido, acabamos por manter a nossa cultura através das nossas danças, já que adoramos dançar, conversas com os amigos que, sem pre nos fazem viajar à nossa terra etc

6) Da mesma maneira que nós aqui tentamos preservar, a maioria dos bato vendianos molam perto, e ~~de~~ de costume se juntar e preparar aquela gastronomia de dar água no bôco, músicas e danças "terra-terra" como nós mesmos falamos, são coisas pequenas, porém de um enorme valor pois é o que nós identificamos.

7) Diáspora é o deslocamento forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais oriundas de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas, em bato vende esse termo é muito usado já que encontramos um grande número de pessoas fora do país.

3) Não encontro ^{muitas} diferenças no que diz respeito à identidade, o povo Brusideiro é um povo alegre e ~~sem muitas di~~ e hospedeiros, a cultura se aproxima muito à nossa fazendo-nos sentir um pouco da nossa morabeza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria de Fátima Carvalho. *Representações sociais e construção da identidade de cabo-verdianos no Rio de Janeiro: estudantes, imigrantes e descendentes*. Dissertação (de Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BARROS, Crisanto, *Notas Sobre Gênese e Formação da Elite Administrativa Cabo-verdiana*, 2011.

BARROS, Simão, *Cadernos Coloniais - Origens da Colonização de Cabo Verde*, Cadernos Coloniais Nº 56. Lisboa: Edição Cosmos, 1939.

CARREIRA, António, *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. Instituto cabo-verdiano do livro: Praia, 1983.

CARREIRA, António – “*Cabo Verde. Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*”.Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

CARVALHO, Francisco Avelino, *Migração em Cabo Verde*, Edição: Organização Internacional para as Migrações, 2009.

CORREIA, Andreia Patrícia Soares Ramos. “*Si ca badu ca ta biradu*”: *O retorno dos estudantes cabo-verdianos e suas inserções profissionais*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

DIAS, Juliana Braz & LOBO, Andréa de Souza. Organizadores – *África em movimento*. – Brasília: ABA Publicações, 2012.

ÉVORA, Iolanda; *A diáspora cabo-verdiana: percepções e redefinições a partir do arquipélago*, In Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/“Económicas”) da Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

GRASSI, Marzia, *Cabo Verde pelo Mundo: O Género e a Diáspora Cabo-Verdiana*, Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa, 2006.

GRASSI. Marzia, “*Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*” ICS/Spleen, Lisboa e Praia, 2003.

GÓIAS, Pedro, *Comunidade(s) Cabo-Verdiana(s): As Múltiplas Faces Da Imigração*, Editorial do Ministério da Educação, Lisboa, Dezembro 2008.

GÓIAS, Pedro, *Emigração Cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão*, Edição Alto-Comissário Para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), Lisboa, Abril 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<http://www.dce.mre.gov.br/Brasil.php>, Devisão de Tema Educacional. Acessado em 08-04-2014

<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.html>, *Histórico do PEC-G*, o Programa é regido pelo Decreto Presidencial n. 7.948, publicado em 2013, que confere maior força jurídica ao regulamento do PEC-G. – Acessado em 08-04-2014.

LIMA, António Germano, *A Problemática do Descobrimento e do Povoamento*, Janeiro de 2007.

MOURÃO, Daniele Ellery. *Identidades em Trânsito: África ‘na Pasajen’: Identidades e Nacionalidades Guineenses e Cabo-verdianas*. Campinas: Arte Escrita. 2009. 208 pp.

MULLARD, Suzana, *Estrangeiridade e vulnerabilidade psíquica*. Universidade Federal do Paraná, mestrado em psicologia, Curitiba 2013.

RAMOS, Elizabete, *Desenvolvimento e Acessibilidade do Ensino Superior em Cabo Verde - O papel da FICASE* – Praia 2012.

RAMOS, Maria da Luz, *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar*, 2011.

RIZZI, Kamilla, *O grande Brasil e os pequenos palop: A política externa brasileira para Cabo Verde, Guiné-Bissau, e São Tomé e Príncipe (1974-2010)*, tese de doutoramento, Porto Alegre, 2012.

SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: Imigração Temporária de Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em

Serviço Social, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

TAVARES, Paulino Varela, *Remessa dos trabalhadores emigrantes e impactos econômicos: evidência para Cabo Verde* – Porto Alegre, 2010.